



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

CRISTIANO GALVÃO VIANA

**A PRODUÇÃO DA FARINHA NO POVOADO ROÇA VELHA, SANTA QUITÉRIA-
MA: mudanças e permanências**

SÃO BERNARDO - MA

2026

CRISTIANO GALVÃO VIANA

**A PRODUÇÃO DA FARINHA NO POVOADO ROÇA VELHA, SANTA QUITÉRIA-
MA: mudanças e permanências**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Ciências
Humanas/Sociologia da Universidade
Federal do Maranhão, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciado em Ciências
Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Pereira
Lima

SÃO BERNARDO - MA

2026

CRISTIANO GALVÃO VIANA

**A PRODUÇÃO DA FARINHA NO POVOADO ROÇA VELHA, SANTA QUITÉRIA-
MA: mudanças e permanências**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Ciências Humanas/Sociologia da
Universidade Federal do Maranhão, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Ciências
Humanas/Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Thiago Pereira Lima

Prof. Dr. Messias Araujo Cardozo

Prof. Dr. Adielson Correia Botelho

São Bernardo-MA ____ de ____ de ____

A PRODUÇÃO DA FARINHA NO POVOADO ROÇA VELHA, SANTA QUITÉRIA- MA: mudanças e permanências¹

Cristiano Galvão Viana²

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar as novas técnicas e tecnologias de trabalho na produção da farinha e entender como elas são usadas no cotidiano sociocultural e econômico da comunidade Roça Velha, em Santa Quitéria do Maranhão, estado do Maranhão. Para tentarmos compreender o que levou as transformações nas técnicas e tecnologias de produção da farinha, utilizamos como metodologia de pesquisa, a observação do cotidiano dos agricultores, pesquisa participante e aplicação de questionários. Constatamos que a comunidade Roça Velha ainda convive com agricultores que utilizam tecnologias consideradas tradicionais para adquirir seu sustento cultivando a terra, fazendo roças e beneficiando seus produtos na casa de forno, seja no engenho local próprio ou particular, criando e sustentando as suas famílias com suas pequenas vendas e algum extrativismo vegetal, como é o caso da mandioca para fazer a farinha. Por outro lado, várias mudanças são identificadas, como aumento e intensificação na utilização de ferramentas motorizadas, além de mudanças na dinâmica e tempo de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Roça Velha. Farinha. Tecnologias. Técnicas.

ABSTRACT:

This article aims to analyze new work technologies in flour production and understand how they are used in the sociocultural and economic daily life of the Old farm community in Saint Quitéria do Maranhão, state. To understand what led to the replacement of flour production technologies, we used a semi-structured research methodology, which consists of observing the daily lives of farmers and administering questionnaires to better understand their productive lives. The Old farm, community still uses traditional technologies to earn a living by cultivating the land, creating farms, and processing their products in the oven house, whether on their own or privately owned local mill. They raise and support their families through small sales and some plant extraction, in the case of cassava to make flour. On the other hand, several changes were identified, such as the increased and intensified use of motorized tools such as hedge trimmers, brush cutters, and tractors, and smaller, narrower iron tools such as the dough press.

KEYWORDS: Roça Velha. Flour. Technologies. **Techniques.**

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar o processo de transformação nas técnicas e tecnologias de trabalho na produção da farinha no povoado³ Roça Velha, município de Santa Quitéria do Maranhão. As técnicas e tecnologias são utilizadas por

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Centro de Ciências de São Bernardo, orientado pelo Professor Doutor Thiago Pereira Lima.

² Aluno do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Centro de Ciências de São Bernardo.

³ Povoado é uma categoria geográfica nativa, utilizada nos municípios do Maranhão. Consiste em uma unidade territorial que moram pessoas, que possuem casas e roças para plantio, e que possui alguns equipamentos públicos como posto de saúde e escola. Alguns povoados também possuem igrejas, casas de farinha e engenhos. Fazem limites com outras unidades territoriais também chamadas de povoados ou mesmo com bairros que fazem parte da sede do município, considerada mais urbana. É geralmente associado à parte rural do município, com presença muito forte da agricultura.

indivíduos, famílias e grupos que trabalham a terra em busca de tirar dela o sustento para a reprodução da vida. Buscamos identificar quais ferramentas estes trabalhadores usam na sua *roça*⁴ de *mandioca-mansa*⁵, suas percepções e se estas técnicas e tecnologias de trabalho ainda estão em uso ou se já foram substituídas por outras consideradas mais atuais.

Buscamos neste artigo, a partir de uma análise bibliográfica e de pesquisa de campo, com observações, etnografias, registros fotográficos e entrevistas com trabalhadores, compreender como se deram algumas destas transformações na produção da farinha. Consideramos que as transformações nas técnicas e tecnologias de trabalho utilizadas na produção da farinha no povoado Roça Velha, em Santa Quitéria-MA, produziram impactos na vida cotidiana desta comunidade.

Observamos que há processos e tecnologias que são considerados como antigos e antiquados para os dias atuais, sob o ponto de vista dos novos produtores rurais, ou seja, a nova geração considera a *carroça*, a *prensa de madeira*, o *cocho de madeira*, as ferramentas manuais e braçais de ferro, e até mesmo o horário de trabalhar, como ultrapassados e inviáveis para a produção da farinha. Na atualidade, em Roça Velha, temos engenhos movidos a motor a óleo diesel ou movido a motor a energia elétrica e o uso de redes elétricas para movimentar o engenho ou a casa do forno.

Nesse sentido, para a coleta de dados, fiz uma breve incursão entre os anos de 2023 a 2025, no povoado Roça Velha, conversando com os trabalhadores rurais e a comunidade. A observação e a interlocução foram de fundamental importância para conhecermos o cotidiano, a perspectiva dos agricultores e o sistema produtivo da farinha.

A partir de então, realizamos uma observação participante para compreender o plantio da mandioca para produção da farinha e seus subprodutos, além da experiência relatada neste TCC de autor-participante, pois sou agricultor e trabalho na *roça*, com um olhar de dentro para fora do sistema de produção da farinha, além da percepção dos moradores, dos trabalhadores e a comunidade em geral.

⁴ *Roça* é uma categoria nativa utilizada nos povoados de Santa Quitéria do Maranhão e de diversas cidades do Estado do Maranhão, para se referir à espaços rurais utilizados por pequenos agricultores familiares fazerem lavoura. Sobre o termo *roça* e as suas mudanças semânticas, devido às transformações contemporâneas no campo brasileiro, ver Silveira e Fiúza, 2017, p.1).

⁵ A *mandioca-mansa* é uma raiz da planta de mandioca que não possui toxina ou possui pouca toxina.

Sobre a observação participante, ainda que possua limites teórico-metodológicos, tem sua validade para acessarmos grupos sociais para tentar uma aproximação etnográfica:

Apesar de essa observação participante ter tido sua forma mais consolidada na investigação etnológica, junto a populações ágrafas e de pequena escala, que não significa que ela não ocorra no exercício da pesquisa com segmentos urbanos ou rurais da sociedade a que pertence o próprio antropólogo. Dessa observação participante, sobre a qual muito ainda se poderia dizer, não acrescentarei mais do que umas poucas palavras; apenas para chamar a atenção para uma modalidade de observação que ganhou, ao longo do desenvolvimento da disciplina, um status alto na hierarquia das ideias-valor que a marcam emblematicamente (OLIVEIRA, 1996, p.30 e 31).

Além disso, realizamos pesquisa bibliográfica, aplicação de questionários, entrevistas, coleta de dados e a própria observação do pesquisador. Com relação ao processo etnográfico, moramos no Povoado pesquisado. Tivemos acesso a três agricultores, que trabalham na produção da farinha de mandioca. Realizamos uma etnografia do processo de produção da farinha e dos usos das tecnologias.

Para tanto, nos baseamos nas reflexões de Abu-lughod (2018), que traz a proposta de uma *etnografia do particular*, por trazermos fragmentos em um tempo e espaço específicos, para pensarmos as mudanças nos processos de fazer, tecnológicas e de percepções na produção da farinha em um povoado no interior do Maranhão.

O artigo está dividido nas seguintes seções: primeiramente, identificamos as técnicas de trabalho e suas ferramentas de trabalho consideradas antigas, além das relações socioafetivas implicadas na produção da farinha. Em seguida, abordamos sobre as novas técnicas e tecnologias de trabalho na produção da farinha, utilizadas por moradores da localidade, e como estas são percebidas, se produzem laços mais comunitários ou se produzem um sistema socioprodutivo mais individual, e quais foram as máquinas ou ferramentas que surgiram para o cultivo e produção da farinha, e, se com o passar do tempo, ou com o aumento do ganho econômico, houve alguma mudança socioeconômica bem como as mudanças socioculturais geradas por estas transformações nas tecnologias de trabalho, que era outrora era a força animal, força braçal e artesanal.

2 A PRODUÇÃO DA FARINHA NO POVOADO ROÇA VELHA, SANTA QUITÉRIA-MA: COTIDIANO E PERCEPÇÕES DOS TRABALHADORES

A atividade agrícola faz parte da história humana. O plantio para produção do seu próprio alimento, com o uso de tecnologias, faz parte de cada sociedade, que compreende estes processos de forma diferenciada. Na antiguidade, o excedente da produção era usado para troca de ferramentas e outros produtos, os instrumentos utilizados eram manuais ou braçais, a princípio constituído de pedras, madeiras e posteriormente ferro, enquanto que as forças de tração ficavam por conta dos animais e veículos conhecidos como carroças ou carros de boi.

Com o advento do capitalismo, entre os séculos XIV e XV, ferramentas antes puxadas por animais, foram substituídas por instrumentos motorizados, desenvolvendo a agricultura, tanto do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo da produção.

Ao longo do século XX, o agricultor que mora e trabalha na terra plantando e colhendo seus alimentos para consumo próprio ou para vender estes alimentos, passou por profundas transformações que redefiniram suas concepções, práticas, tecnologias e lutas.

No bojo destas mudanças na agricultura, o processo de modernização da produção da farinha de mandioca assume dimensões como a subordinação da atividade agrícola aos setores da indústria, que se traduziu, fundamentalmente, pela adoção de máquinas, com impactos na produtividade da farinha, assalariamento dos trabalhadores e alterações nos sistemas de comunicação e transporte.

A partir das transformações no campo e na dinâmica econômica, podemos inferir que há um processo de recriação da produção da farinha. A produção de farinha tem sido impactada pela lógica capitalista, porém ainda resiste, com as formas de produção das comunidades rurais, como tem sido observado no povoado Roça Velha, em Santa Quitéria.

Na ausência de dados oficiais, trabalhamos com o método etnográfico para trazer registros sobre o que é o povoado Roça Velha. O povoado Roça Velha possui aproximadamente 200 famílias, 800 moradores, povoados vizinhos como Lagoa Seca, Lagoa dos Caraíbas e Barra da Onça e fica aproximadamente 40 km de distância da cidade.

Identificamos a presença de dez (10) engenhos. O engenho de cana de açúcar pode ser o mesmo local da casa de farinha, constituído de fornos e maquinários.

Dentre os espaços, sete (7) são mistos e três (3) são engenhos, estes últimos para fazer rapadura. Todos os dez (10) funcionam com energia elétrica e motor a óleo, este último fica de reserva, quando tem pane na energia elétrica, com os apagões que acontecem nos momentos de chuva.

A partir das entrevistas com os trabalhadores do povoado Roça Velha, podemos reconstituir o cotidiano e analisar como são compreendidos o processo produtivo e a inserção de novas tecnologias. O Senhor Gerson Viana Porto, de 68 anos, afirma que:

O trabalho na roça de mandioca como agricultor começa muito cedo às 5:00 h da manhã com a escolha do local da roça. O preparo começa primeiro com a derrubada do mato que consiste em roçagem do mato rasteiro e mais fino, com a utilização da roçadeira manual chamada de foice. Logo após este trabalho pesado, vem a segunda etapa que consiste na derrubada das vegetações que a foice demoraria muito derruba. Este trabalho é executado com o machado (ENTREVISTA COLETADA DURANTE TRABALHO DE CAMPO).

Observei que após este trabalho, vem a terceira etapa, que é a queimada do mato para “*limpeza da terra*” e adubá-la. Chega a hora de levantar a cerca de arame farpado, que é feita de madeira grossa embaixo, justamente a madeira oriunda da derrubada com o machado. Na parte de cima da cerca colocam o arame farpado. Chegamos no instante que o senhor Gerson plantava os alimentos: gergelim para fazer paçoca, melancia, maxixe, quiabo, abóbora, milho, feijão, arroz e raízes como macaxeira, e o principal, que é a mandioca-mansa para o produto da farinha. Todos são consumidos e vendidos pelos moradores de Roça Velha. É destes alimentos que os moradores se suprem e tiram seu sustento, em especial, com a produção da farinha de mandioca para venda e consumo das famílias.

O senhor Gérson Viana Porto nos diz que antes: “*tudo era manual e braçal, e mais difíceis do que hoje, a roça era limpa com foice para roça, machado para derrubar as vegetações mais grossas da área do plantio da roça, o plantio era feito na enxada ou furão*” (ENTREVISTA COLETADA DURANTE TRABALHO DE CAMPO).

Na época de colheita dos alimentos plantados na roça pelos produtores rurais, são colhidos e transportados por animais de carga como burros, jumentos e bois de carroça. Os alimentos são transportados para a casa de forno ou para o engenho. Chegando no engenho ou casa do forno, começa a raspagem da mandioca-mansa para fazer a farinha, conforme a fotografia 1.



Fonte: Cristiano Galvão (2022).

Fotografia 1: Raspagem da mandioca para a produção da farinha.

Esta etapa é feita pela comunidade em geral, com forte presença de mulheres e homens adultos e adolescentes, que atuam no processo de limpeza e separação da mandioca-mansa. Posteriormente, deixam o molho amolecer, para cerrar, prensar e torrar a massa da mandioca-mansa. Assim surge a *farinha de puba* ou *farinha d'água*.

Observamos que todo o plantio é feito de forma manual e braçal, com ferramentas comuns, sem utilização de máquinas, sejam máquinas a óleo diesel ou energia, mas com a utilização de foice, machado, enxadas, cavadores, martelo e alicate.

Das ferramentas convencionais como as descritas acima, podemos acrescentar, as feitas artesanalmente como o *colcho de madeira*, a *mesa do caititu*⁶, o *jacá de talos de coqueiro* e a *prensa de madeira*. Destacamos que estes instrumentos e ferramentas artesanais são mais difíceis de serem produzidos e mantidos no sistema de produção da farinha, como a *prensa de madeira* (Fotografia 2), pois ocupa grande espaço e fica do lado de fora do engenho ou casa do forno.

⁶ Caititu: parte cilíndrica com centenas de dentes afiados do motor utilizado para serrar a mandioca-mansa.



Fotografia 2: Prensa de madeira feita para prensar e enxugar a massa ralada de mandioca mansa.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

Para transportar a madeira ao local da onde ficaria a cerca de arame farpado, são utilizados *burros de carga* com um instrumento de madeira chamado de *cambitos*, onde se coloca as varas de madeira para o pé da cerca. Quando chega a hora da colheita, este mesmo animal transporta os alimentos colhidos para o engenho ou casa do forno, principalmente a mandioca para o feitiço da farinha (fotografia 3). Lá no engenho, este alimento é beneficiado e armazenado.



Fonte: Cristiano Galvão (2022).

Fotografia 3: Animal usado para transportar os produtos da colheita.

Outro entrevistado, o Senhor Chico Domingos (65 anos), falou como funcionava um engenho antigo dos anos 1970 até os anos 1990, a partir de suas memórias. O senhor Chico Domingos trabalhou com seu tio nesta época, e lembra o funcionamento do engenho:

Começava a funcionar das 5:00 da manhã até 7:00 da noite. Este engenho era movido a energia animal que funcionava da seguinte forma: colocava-se dois bois um em cada lado da roda de tração; desta roda de madeira grande, “saía” uma correia feita de cor de boi, chamada bola do caititu, que é um instrumento de madeira coberto por um zinco com milhares de pequenos dentes afiados (ENTREVISTA COLETADA DURANTE TRABALHO DE CAMPO).

Este instrumento, a *bola de caititu*, serve até hoje para serrar a mandioca para fazer farinha e também para a retirada da goma ou polvilho. Adaptava outra ligação com correia de couro grosso para o cilindro do moedor da cana-de-açúcar para fazer a garapa ou caldo de cana para produzir rapaduras com sabores, rapaduras tradicionais e cachaça (fotografia 4). No engenho desta época, tinha também os grandes *pilões* de moer coco babaçu para fazer azeite e borra para ração animal.

Outra atividade econômica de algumas famílias, que utiliza os grandes pilões, é o beneficiamento e produção do doce de buriti, fruto nativo do extrativismo vegetal.



Fotografia 4: Produção do doce de buriti sendo feito no pilão.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

A casa de forno ou engenho também servia em muitos casos para o armazenamento dos alimentos beneficiados, como a farinha, feijão, arroz, rapaduras, goma ou polvilho, a borra do azeite e a casca da mandioca para ração animal. Todos esses produtos são tanto para venda, como para a utilização da família do agricultor.

Segundo o senhor Chico Domingos, o transporte dos produtos beneficiados para venda, era feito nas costas de *burros de cargas*⁷, onde o animal carregava um *jaca*, que é um depósito feito de talo da palha do coqueiro. Este *jaca* ia cheio de rapadura, cachaça, azeite de babaçu, farinha e doce de buriti. Com os animais

⁷ Os *burros de cargas* são animais utilizados no transporte da colheita da roça, material e alimentos.

carregados, estes saíam pela estrada de chão, em direção as cidades consideradas mais desenvolvidas da região do Baixo Parnaíba Maranhense, como Tutóia, Brejo e Anapurus, onde vendiam os produtos ou trocavam por outros produtos. Na volta, vinham vendendo estes produtos. Neste trabalho, passavam uma semana de viagem, sendo os donos e responsáveis pela venda o seu Chico Domingos, seu pai e seu tio. Uma atividade econômica que se construiu de forma intergeracional, que passou de pai para filho.

3 A PRODUÇÃO DA FARINHA A PARTIR DOS ANOS 1990: MUDANÇAS TÉCNICAS E A INSERÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS

Na produção da farinha, as ferramentas de trabalho rústicas e artesanais, que eram fabricadas manualmente, foram substituídas por outras mais eficientes. A obtenção de novas técnicas e tecnologias pode ser vista como uma forma de adaptação ao processo de industrialização da produção da farinha, como aponta Ferreira (1979, p.92) e mercadorias como a rapadura, doce de buriti e azeite do coco babaçu.

Este processo de mudança pode ser observado nas mudanças na forma do trabalho da agricultura em Roça Velha, onde a derrubada da *roça*, que era feita no machado, passou a ser feita com o uso do motor serra para o corte das árvores mais grossas. Com isso, o tempo de derrubada passou a diminuir muito. Antes do motor serra, os trabalhadores rurais do povoado de Roça Velha passavam vinte dias para fazer este serviço. Com a utilização do motor serra, o tempo diminuiu bastante, passando de vinte dias para cinco dias de serviço. O jovem Isaias Veras (26 anos), nos falou sobre as mudanças no tempo do trabalho na *roça*: *“Por que achamos que hoje em dia sair muito cedo de casa para o trabalho não é mais necessário”*. O transporte que era feito nas costas de animais, da *roça* para a casa de forno, em depósitos de talos de palmeira chamados de *jacas*, passou a ser feito por carros movidos a óleo diesel (fotografia 5) ou gasolina, e utilizado para todos os serviços que precisam ser feitos.



Fotografia 5: Carro movido a óleo diesel para transporte de produtos do povoado: cachaça, doces, farinhas, rapaduras e rações.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

Mas nem todos os moradores utilizam este tipo de transporte, pois ainda há a utilização da carroça de pneus para o transporte da mandioca e da madeira para torrar a massa de mandioca para fazer a farinha. Segundo relatos de moradores, eles não usam do carro a diesel porque *o trabalho é muito pouco* ou já são possuidores de carroça de pneus, diferente do carro de boi, que é todo de madeira. O plantio dos brotos que era feito com enxada passou a ser feito no cavador manual. A mandioca, que antes era deixada de molho por cinco dias em água no tanque feito de pedra, para amolecer, passou a ser depositada por três dias em caixas de água (fotografia 6).



Fotografia 6: Caixas utilizadas para amolecer a mandioca.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

O *caititu*, que era movido a força humana na roda com manivela ou força animal, passou a ser movido por motor a óleo diesel ou mais recentemente por motor à energia. Já a prensa de madeira utilizada para prensar a massa da mandioca, gradualmente está sendo substituída por prensas de ferro. No armazenamento da farinha, que antes era em paneiros de palha de palmeiras, agora armazena-se em sacos ou sacas de fios de plástico. Antes a mandioca ou a farinha era transportada em um carro de boi, e agora passa a ser transportado em uma carroça ou carro a diesel. Onde a mandioca era moída, movida a força animal, agora passou a ser moída por motor a diesel (fotografia 7).



Fotografia 7: Motor a óleo diesel, utilizado na serragem da mandioca, moer cana-de-açúcar.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

O armazenamento do caldo da mandioca para produzir a goma, antes feito em lata de metal, foi substituída por tambor de 200 litros e de plástico. O processo de fermentação, que antes era feito em caixão de madeira ou coxo de madeira, passa a ser fermentado em caixas de água, o caldo ou extrato da mandioca em cima e a farinha de goma ou polvilho no fundo das vasilhas de madeira ou plástico. Os produtos da mandioca antes eram coletados a raiz de mandioca, e transportado na costa de animais ou carro de boi, com o passar dos anos estão sendo substituídos por transportes movidos a óleo diesel ou gasolina.

A raspagem⁸ da mandioca era feita com facas e a casca era colocada no sol para secar e perde suas toxinas. Com esta casca seca e sem toxina era feita uma ração que misturava a casca da mandioca e a borra do coco babaçu moída no motor movido a óleo diesel (fotografia 8). Hoje, a ração é feita da mistura de casca seca com o farelo da cana-de-açúcar moída no motor a óleo diesel.

⁸ Raspagem: ação de descasca ou retira a casca da mandioca com facas.



Fotografia 8: Máquina de moer cana-de-açúcar.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

Em algumas casas de forno de produção de farinha podemos observar maquinários como o moedor⁹ de cana-de-açúcar e caldeiras¹⁰ de produção de cachaça porque algumas casas de farinha também funcionam como engenhos de produção da cana-de-açúcar e outros produtos.

A madeira hoje é cortada no machado, coletada e transportada em carro a óleo diesel ou carroça para ser queimada no forno. Depois, é torrada a massa da mandioca mansa ralada no caititu, enxuta na prensa e torrada no forno de barro, movido a motor a diesel ou energia. Colocamos para torrar em tacho grande, para *apurar a farinha*, ou seja, evaporamos o restante do caldo da mandioca. O subproduto que é a casca sempre foi utilizado para alimentar os animais de pequeno porte como porco, cabra e galinha; a casca seca é vendida naturalmente. O armazenamento da farinha era feito

⁹ Moedor: equipamento que faz parte do sistema de produção da cana de açúcar.

¹⁰ Caldeiras: equipamento utilizado para cozinhar o caldo da cana de açúcar.

em peneiros de palha de 50 litros, hoje passou a ser feito em caixas de água ou tambor de 200 litros.

Diante do exposto, temos evidências da chegada de novas tecnologias no campo para a utilização na agricultura e na agropecuária de pequeno porte. O povoado, por intermédio da associação de moradores e agricultores (Associação da Roça Velha) conseguiu um trator, usado pelos trabalhadores, para o arado e limpeza das roças (fotografia 9), assim como também para o transporte dos produtos (farinha, goma ou polvilho, ração natural), materiais (madeira, ferramentas e depósitos) e pessoas. O trator foi adquirido no ano de 2021, através da Prefeitura. É utilizado pelos membros da associação nos seus trabalhos agrícolas e de beneficiamento dos alimentos retirados da roça de plantio de subsistência.



Fotografia 9: Trator usado para o arado, limpeza e transporte de produtos, materiais, trabalhadores.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

Para obter o trator para trabalhar na lavoura ou plantação de mandioca e outras plantas como grãos e legumes, os membros associados precisam pagar uma taxa de

manutenção que inclui a compra de combustível e peças para a manutenção do trator agrícola.

Outra prática do povoado que apresentou mudanças significativas foi a criação de animais soltos na natureza. Alguns trabalhadores querem que a criação dos animais seja feita de forma presa em chiqueiros ou currais (fotografia 10), pois, uma parte dos agricultores que trabalha com a produção da farinha, afirma que os animais soltos invadem e comem suas plantações de mandiocas, feijão, milho, maxixe e abóbora. Mas a maioria dos moradores do povoado afirma ser inviável economicamente a criação dos animais, mesmo sendo de pequeno porte, como cabra, porco, galinha e capote.

No trabalho de campo, registramos que houve judicialização do caso que trata da criação de animais soltos no povoado, mas os agricultores não sabem o andamento do processo. O participante da entrevista Sr. Manoel Rodrigues (60 anos) disse que *“estas leis não foram para a frente, pois, no dia a dia do campo todos os animais vivem soltos na comunidade de Roça Velha do Maranhão”*.



Fotografia 10: Chiqueiro usado para prender os animais.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

Outra mudança identificada é a substituição do uso da foice ou roçadeira manual ou braçal pelas roçadeiras mecânicas a combustível de gasolina. Serve para coleta da mandioca mansa, que é utilizada para fazer seu principal produto que é a farinha, e seus subprodutos como a goma ou polvilho e a casca para fazer ração para os animais. Também a roçadeira mecânica está substituindo a foice manual ou braçal para fazer a *limpeza* da terra e a posterior plantação da cana de açúcar.

A cana de açúcar é utilizada para fazer a cachaça, rapadura e rapaduras temperadas com sabores. No caso dos motores movidos a óleo diesel estão também sendo substituídos por motores elétricos (fotografia 11).



Fotografia 11: Instalação e adaptação de motores elétricos.

Fonte: Cristiano Galvão (2022).

Os motores a diesel são deixados na reserva, pois a energia elétrica na localidade tem muitos problemas, devido aos ventos fortes e chuvas. Nesse sentido, os agricultores adaptam o motor a diesel na correia de borracha dura, que liga o motor ao *caititu* de ralar a mandioca ou o moedor de cana para a produção de cachaça.

Como podemos perceber, as mudanças nas tecnologias, na concepção de tempo de trabalho e do processo produtivo da mandioca, identificados nesta pesquisa, se articulam com transformações na região do Baixo Parnaíba Maranhense, expressas na presença do agronegócio da soja e do eucalipto, que consiste em um tipo de monocultura, na qual são exploradas grandes extensões de terras, e cuja produção é em larga escala, para atender ao mercado internacional, com um discurso modernizante no campo.

Porém, a estratégia discursiva destes empreendimentos, que trazem consigo conceitos como desenvolvimento, inovação, tecnologia e superação do tradicional e de um suposto atraso, esconde, o que há nos povoados: um aumento dos conflitos socioambientais e agrários, tanto em Santa Quitéria quanto na região, conforme destacam Bruzaca (2020), Costa (2016), Paula Andrade (2011) e Almeida (2017).

As mudanças tecnológicas, atravessadas por contradições, se conectam às mudanças no espaço geográfico brasileiro, conforme destaca Santos Souza (2015):

Pesados investimentos em tecnologia e em ciência, conjuntamente com ações dos institutos de pesquisas e de controle rigoroso sobre o território brasileiro, modificam a base técnica da produção, adequando-a ao mercado agroindustrial. A modernização das atividades agropecuárias cria novas relações campo-cidade, antes inexistentes, tendendo a eliminar gradativamente a separação entre o campo e a cidade, o rural e urbano, unificando-os dialeticamente. O ordenamento regional, promovido pelo Estado brasileiro, a partir da década de 1970, a princípio no Nordeste e posteriormente no sul do Maranhão, dotando-os de aspectos infra estruturais viabiliza a expansão territorial do grande capital naquela direção, contribuindo para a inserção desses espaços produtivos na economia nacional e global. No contexto das redes de integração espacial, através da expansão da fronteira agrícola capitalista, o espaço tende a se reorganizar gerando contradições e conflitos sócio espaciais (SANTOS SOUZA, 2015. p.147).

Identificamos que no povoado Roça Velha não há a presença dos chamados *gaúchos*, que tem ocupado terras em diversos municípios do Baixo Parnaíba Maranhense, como destacam Gaspar (2013) e Gaspar e De Paula Andrade (2015), como é o caso de Santa Quitéria, que conta também com a presença da Suzano Papel e Celulose. Em povoados vizinhos, como Lagoa Seca, são identificadas muitas compras de terra e posse de terras, seja de forma ilegal, ou pela via do Estado. Os moradores da Roça Velha expressam preocupação e ameaçam judicializar o caso,

para que os *gaúchos* não avancem mais para seu território. O receio é de ficarem sem terras para plantar e da ameaça dos gaúchos em seguirem para as *matas de reserva* ou áreas de floresta nativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que as técnicas de trabalho e as tecnologias no processo produtivo da farinha têm passado por mudanças ao longo dos anos, conforme apontam as observações de campo, as entrevistas, os registros fotográficos e a etnografia realizada no povoado de Roça Velha, localizada na cidade de Santa Quitéria do Maranhão.

No transporte, o lavrador utilizava o carro de boi todo feito de madeira ou transportava nas costas de animais de carga, que carregava madeira para cercar a roça, madeira para os fornos de fazer farinha, e servia como transporte dos alimentos da roça para a casa de forno. O engenho antigo era movido a força animal ou manual, o armazenamento era em latas de ferro ou coxo de madeira e a farinha era armazenada em paneiros de palha de palmeiras. A venda dos alimentos beneficiados era feita nas cidades maiores da região, e tanto na ida como na vinda, os produtos eram vendidos.

A partir dos anos 1990, mudanças substanciais atingem o povoado e, de forma ambivalente, mantem práticas ancestrais. A roça continua sendo *limpa*, porém identificamos as seguintes mudanças técnicas e tecnológicas: a troca do machado pelo motor serra; o uso da força animal substituída pelo motor a diesel, o transporte, que era nas costas de animais, passou a ser em carro a diesel ou gasolina; a venda é feita de carro ou motocicleta; e o armazenamento é feito em sacas de plásticos, tambor de plásticos ou vasilhas de plásticos.

As técnicas e tecnologias de trabalho utilizadas hoje são consideradas mais avançadas. Como na roça entrou a roçadeira a gasolina, na casa de forno entra o motor elétrico e no transporte tem uma intensificação do uso de carro a diesel; na venda se utiliza o mesmo sistema de antes, no que se refere às cidades mais desenvolvidas e no armazenamento se utiliza técnicas mais rápidas e fáceis.

Ainda, a intensificação no uso de motores a combustão a óleo diesel ou energia elétrica, na utilização de vasilhas ou depósitos feitos de plásticos, os veículos de transporte e o trabalho a combustão a óleo diesel ou gasolina, engenho ou casa de forno de concreto e tijolos.

Podemos considerar que as técnicas e tecnologias de trabalho na produção da farinha parecem estar mais práticas, rápidas e viáveis economicamente, dinamizando o sistema produtivo do agricultor e sua família.

Cabe ressaltar que estamos abordando neste trabalho não as técnicas e uso das tecnologias em si mesmas, porém, compreendendo que tais mudanças, se conectam com mudanças estruturais globais e nacionais no território brasileiro, com o processo de modernização do campo e o avanço das fronteiras agrícolas.

O presente estudo tentou compreender através de observação, análise e registros fotográficos os sistemas e processos da produção da farinha, os impactos na experiência de vida dos produtores de farinha, os trabalhadores envolvidos na produção, o processo de produção da farinha e os espaços utilizados para sua fabricação, as ferramentas e os maquinários.

A partir desse estudo, analisamos que a farinha ocupa um papel fundamental na vida dos trabalhadores e moradores do povoado, como uma herança familiar, para a geração de renda e construção de laços comunitários.

A produção e comercialização da farinha no povoado, sob o olhar dos produtores, é muito importante para a reprodução da vida, subsistência e alimentação das famílias, conectando-se com outros territórios rurais do município, além da relação de identidade e pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita contra a cultura**. *Equatorial* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Natal, v. 5, n. 8, p. 193-226, jan./jun. 2018.

ALMEIDA, Juscinaldo Goes. **A luta na/pela terra frente à expansão da soja no município de Brejo**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmico do Espaço. Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2017. 148p.

CAMARÃO ARI, BATISTA HERIBERTO, CARDOSO ELOISA. **Utilização da mandioca na alimentação de ruminantes na Amazônia**. BELEM PA: EMBRAPA/CPATU, 1993. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/378466/1/CPATUDoc73.pdf>

CEREDA MARNEY, VILPOUX OLIVIER. **Metodologia para divulgação de tecnologia para agroindústrias rurais: exemplo do processamento da farinha de mandioca no maranhão**. • G&DR • v. 6, n. 2, p. 219-250, maio-agosto/2010, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/278>

COSTA, Saulo Barros da. **Chapadas e lutas: resistência camponesa no baixo Parnaíba Maranhense na rota do agronegócio silvicultor – conflitos territoriais e “usos” da natureza.** Tese de Doutorado. Recife, Pernambuco. UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18436>.

FERREIRA, José Carlos. **A FARINHA DE MANDIOCA E A INDUSTRIALIZAÇÃO RURAL: UMA ANÁLISE ECONÔMICA E SOCIAL.** R. Econ. Rural, Vol. 17, Nº 02, p. 75-93, Abr/jun 1979.

GASPAR, Rafael Bezerra. **O eldorado dos gaúchos: deslocamento de agricultores do Sul do país e seu estabelecimento no Leste Maranhense.** São Luís: Edefma/Fapema, 2013.

GASPAR, Rafael Bezerra; DE PAULA ANDRADE, Maristela. **Gaúchos no Maranhão: agentes, posições sociais e trajetórias em novas fronteiras do agronegócio.** *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 11, n. 22, 28 Abr 2015 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/3417>. Acesso em: 6 fev 2026.

PAULA ANDRADE, M. de. **A Suzana – o cerco das terras camponesas e a destruição dos recursos naturais pela Suzano Papel e Celulose.** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 35., 2011, Caxambu – MG, **Anais [...]**. Caxambu: ANPOCS, 2011. p.1-19.

OLIVEIRA, R. C. de. (1996). **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>.

SANTOS SOUZA, Teresinha. **Agricultura e organização espacial do maranhão.** *Revista de Geografia (UFPE)* V. 32, No. 3, 2015.

SILVA, Petula R.S.; e MATHIAS, Mércia Santana. **A etnografia e observação participante na pesquisa qualitativa. Ensaio Pedagógicos (Sorocaba), vol.2, n.1, janeiro/abril. 2018, p.54-61** SOROCABA, SP: UFS/CAR, 2018. Disponível em: <https://share.google/VupPj6DPgQKrS1TE6>

SILVEIRA, Lidiane Nunes da; e FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. **Roça como marca registrada no Brasil: novos significados do rural brasileiro.** *Mundo Agrario*, vol. 20, núm. 45, 2019.

SOUSA, GESLANNY OLIVEIRA. **Alterações no solo em função da cronossequência da pastagem em integração lavoura-pecuária-floresta, na Amazônia maranhense.** Balsas MA: UEMA, 2020. Disponível em: https://www.ppgaa.uema.br/wp-content/uploads/2018/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Geslanny.pdf